

04/07/2006

## rumo ao Sul

“Balada de uma Retina Sul-Americana” (editora 7 Letras) é o terceiro livro de Carlos Machado, mas talvez ainda se ressinta de um certo empenho de estreante –perceptível, a meu ver, no título pouco econômico do livro. Mas há ótimos achados e muita poesia nesse relato da viagem do autor ao sul do Continente. Nascido em Curitiba em 1977, o autor atravessa os pampas de carro, ao som um tanto insistente de sucessos da MPB (Carlos Machado também é letrista e compositor), e por onde passa vai notando traços de sua cidade natal.

Alguns trechos.

*Desse feito, digo que foi só pensar próximo ao Uruguai e ouvir o cheiro da chuva dos pampas. Sempre tinha ouvido que chove muito por esses lados, mas nunca imaginei que pudesse ser como um botão que se aperta ao quase entrar no país. O calor do dia anterior foi esquecido no primeiro passo acinzentado desse campo. A estrada nos leva em uma única reta. Curvas viraram lembranças. Quando as víamos era necessário uma máquina fotográfica em mãos.*

“Curvas viraram lembranças”, percebo agora ao copiar o trecho, é ótimo: em três palavras, muitos significados.

Nos Andes, ao chegar na divisa entre Argentina e Chile, o autor observa:

*O rio nos aguardava gracioso e, cada vez mais, bufava de ansiedade em nos receber. Passou por todos, deixando nas retinas a tatuagem do magnífico: não se vê a beleza da América Latina sem dor. Doe a dor mais espontânea de beleza. Lá estávamos nós: um bote, remos, correnteza e, embaixo do céu mais azul que os olhos meus já viram, montanhas, montanhas, montanhas. A Cordilheira dos Andes abriu os braços e nos cedeu espaço para um sangramento de orgulho, nos deixando, ao menos uma vez, acariciar suas costas, calmamente.*

“A tatuagem do magnífico” cai, a meu ver, em certa literatice, mas a ligação entre dor e beleza latino-americana vale a pena.

“Montanhas, montanhas, montanhas”. Esse tipo de anotação lembra, certamente, o Oswald de Andrade de “Pau Brasil” e, por extensão, o Blaise Cendrars de “Feuilles de Route”. Importa registrar a impressão fotográfica do momento, como se as “retinas” do título fossem uma câmera; o aspecto temporal da narrativa sempre vai contra esse tipo de literatura, e é natural, desse modo, que a sucessão de palavras ao longo da linha tenha de se fazer pela repetição de vocábulos, pela frase curta, pelo “assindético” da construção. Valeriam como poemas curtos alguns trechos do livro. Experimento montá-los desse jeito.

*Bienvenidos a Montevideú!*  
*Um país que é o Paraná.*  
*No lugar das paredes, placas de ceda el paso.*  
(págs. 34-35)

Sobre o Aconcágua, Carlos Machado escreve:

*Uma luva no meio do chão azul da cordilheira.*

Ou ainda:

*Santiago. Uma única rua nos deixou na porta do hotel.*

e também:

*O policial só queria a minha carteira de motorista, mas quando viu que eu era brasileiro: e as mujeres?*

logo em seguida:

*De frente pro vento, encostamos o corpo no hotel vermelho de colcha amarela.*

Pau-Brasil. Da melhor qualidade.